

Katherine Lacom't

Raffaele

A Tríade

Livro 03

3DEA Editora

2020

Eu trabalhei toda a minha vida para cuidar da minha família. E eu me recuso a ser um idiota dançando nas cordas de todos aqueles figurões. Essa é a minha vida, não me desculpo por isso.

Don *Vito Corleone*
Filme O Poderoso Chefão

Prólogo

Raffaele

O clube está escuro, iluminado apenas pelas luzes estroboscópicas. Pessoas dançam, bebem e se pegam pelos cantos. Não gosto de agitação porque qualquer coisa do tipo gera aglomeração e quanto mais pessoas juntas, mais o perigo pode se esconder. Daqui do piso superior posso acompanhar o movimento de todos.

Olho ao redor mesmo com o lugar escuro e procuro por qualquer coisa suspeita. É meu dever fazer com que todos estejam seguros, mesmo na despedida de solteiro de Aniella e Levi. Eu queria poder arrancar os meus olhos ao vê-los agarrados em qualquer canto. Parecem dois adolescentes se pegando sem vergonha alguma. Do outro lado, Haniel e Mairheen dançam no ritmo completamente diferente da música que está tocando. Eles estão em seu próprio mundo.

Continuo a vasculhar o lugar e encontro um casal dançando muito perto. Ele fala no ouvido dela e ela ri, como se tudo no mundo estivesse bem. A mão dele está na cintura dela e a jovem não se incomoda em retirá-la. Eles se aproximam. Ele tenta beijá-la, mas ela se afasta ainda rindo. Não tenho absolutamente *nada* a ver com a situação, mas ela claramente não o quer.

Caminho entre o amontoado de pessoas, desço as escadas evitando as mulheres que querem a minha atenção e os homens que querem aparecer ao meu lado. É o eterno jogo de interesses. Ignoro a todos e sigo em minha missão. Aceno para Denis, meu chefe de segurança, que me acompanha de perto. Neste inferno, todo cuidado é pouco.

Aproximo-me do casal que estava observando mais cedo, ele ainda tenta beijá-la, mas o sorriso que a jovem ostentava já não está aparente. Coloco-me atrás dela e aceno para o infeliz que tentou conquistá-la, ele não demora em me reconhecer, levanta as mãos e se afasta. Ela quase cai ao tentar se virar e eu a seguro.

— Raffaele Saints — ela fala.

— Ainda não sei se a chamo de Kin ou Sayuri — digo em seu ouvido. — Mas não interessa como eu a chame, não é? O importante é quantos orgasmos eu posso lhe dar.

Ela tenta se afastar e eu a seguro entre os meus braços.

— Você é grosseiro e...

— Um grosseiro que tem mãos e boca que você adora.

— Raffaele!

Rio e beijo abaixo de sua orelha.

— É exatamente o nome que você grita quando estou entre as suas penas ou...

— Chega! Chega, seu bruto arrogante. Deixe-me ir.

Eu a solto, sorrio e afasto-me, voltando às sombras de onde posso observá-la. Ela vai até o bar e pega mais uma bebida. Retorna à pista e encontra algumas meninas de Ani que parecem estar de folga, mas sabemos que elas são seguranças para Sayuri. Elas dançam, riem e bebem. Homens se aproximam, mas elas os repelem. Boas meninas!

Então, a música muda e as mulheres começam a gritar, o DJ anuncia que as mulheres dominarão a pista e todos os holofotes estão virados para lá.

Aniella é a primeira a se apresentar, pois festa é com ela mesmo. A mulher está grávida e não se importa de dançar loucamente. Mae chega trazendo com ela Sayuri, Zendaya e mais algumas que não conheço. Elas pulam e cantam despreocupadamente. Vejo Levi assistir sua futura esposa com um sorriso que chega a ser estranho em alguém que quase não sorri. Haniel é um caso perdido com Mairheen, o homem lambe o chão que a esposa pisa.

Meus olhos pousam em Sayuri, que me surpreende com a sua dança. Nunca imaginei que ela dançasse dessa maneira. Sempre foi tímida, participava do grupo de teatro na universidade, mas, até onde eu sei, ela sempre ficou nos bastidores. A música tem uma batida contagiante e a cena à nossa frente tira um sorriso de vários dos meus homens, mesmo de Denis.

(...) Qualquer garota seria má para você, mas você precisa de uma boa para esgotá-lo. Bang bang no quarto, eu sei que você quer. Bang bang sobre você, o deixarei ter. Espere um minuto que te levarei para lá. Espere um minuto que vou te contar. Bang bang, lá vai o seu coração e eu sei que você quer no banco de trás do meu carro, o deixarei ter isso¹(...)

Volto a olhar para Sayuri, que está completamente entregue. E ao inferno se ela não é gostosa. Mesmo um cego enxergaria aquele corpo. Nos últimos dias temos jogado perigosamente com essa coisa de gato e rato, em que eu a capturo e faço as coisas mais sujas ao seu corpo. Não transamos, mas não demorará para que isso aconteça. Ainda tenho que lidar com o fato de que um dia ela foi a Kin... a minha Kin, namorada de faculdade.

Aniella e Haniel, nos últimos dias, vêm intercedendo por ela. A mulher deve andar com uma forte segurança para que Katsuo não coloque as mãos nela. Sayuri é a sua prometida, mas ela fugiu com a família, o que os torna traidores. Ela será sua esposa e sofrerá todos os castigos pela sua família. É assim que a Yakuza opera, família são seus irmãos de clã e não a que constituiu ou a que descende.

Uma ideia vem se tornando cada vez mais sólida em minha mente, se eu a fizer minha não terá ninguém na Terra capaz de nos separar. Somente se nos matarem. Não é uma saída aconselhável, mas é a melhor que ela tem no momento. Assim que a música acaba e todas as mulheres voltam aos seus lugares, eu vou atrás da linda japonesa. Ela encosta no bar e pede mais uma bebida, que a servem sem demora. Sayuri dá um passo, mas esbarra em mim.

Sem perda de tempo, seguro em seu braço e a levo até um canto escuro, onde não há *ninguém* se pegando. Sayuri não fala *nada*, apenas me encara como se quisesse me devorar. Eu seria um maldito se não desejasse a mesma coisa. Pressiono-a contra a parede e acaricio o lado de seu pescoço, descendo por entre os seus seios. Ela prontamente arqueia contra mim, em um pedido silencioso por mais. Está escuro, mas seus olhos não deixam os meus.

Seguro a sua nuca e levanto a sua cabeça para que a minha boca encontre a sua. O copo de bebida que estava segurando cai aos nossos pés e suas mãos estão sobre mim, percorrendo cada parte minha. O beijo é cru, voraz e carnal, é sexo. Passo a mão pelos

¹ Música: Bang Bang. Intérpretes: Ariana Grande, Jessie J e Nicki Minaj. Republic Records, 2014.

seus seios, desço pela sua barriga até chegar entre as suas pernas. Levo minha boca até o seu ouvido.

— Você está molhada para mim, *preziosa*?

— Sim...

Meus dedos entram sob seu vestido e esfrego o dedo médio em sua calcinha úmida. Tomo sua boca em um beijo frenético e aumento o ritmo do meu dedo. Ela quer mais e geme por isso. Afasto a peça que está em meu caminho e esfrego o dedo em sua boceta suculenta, pronta para me receber. Começo a acariciar o seu clitóris sensível.

Em meio a névoa de luxúria, encontro o momento exato para convencê-la daquilo que quero. Mordo o lóbulo de sua orelha e o sugo, excitando-a ainda mais.

— Você quer ir para o Katsuo, Kin?

Ela ofega porque pressiono seu sensível nervo do prazer.

— K-kin não, não... Sayuri, sempre Sayuri. E não, não quero *ninguém* daquele lugar — ela geme mais alto. — S-sim, aí... toque-me aí...

— Venha para Vegas e case-se comigo.

Seus olhos cobertos pela luxúria encontram os meus.

— Por quê? — ela pergunta.

— Porque eu posso te fazer livre — escolho esse momento para penetrá-la com dois dedos e logo sinto sua boceta se contrair em meus dedos.

Não perco tempo e inicio o ritmo, penetrando-a e retirando como se eu a estivesse fodendo. Ela é apertada, não deve ter tido relações há algum tempo. Eu terei um prazer enorme em consumir o casamento. Sayuri geme alto em seu orgasmo.

— E-eu não sei...

Chupo cada um de meus dedos a saboreando.

— Eu posso lhe dar um passaporte para a liberdade e muitos orgasmos — sorrio.

— Você é mau... u-um demônio, Raffaele Saints.

Pressiono-a mais contra a parede e meu corpo. Quero que sinta o quanto estou duro por ela.

— Um belo demônio — falo com ironia.

Ela encosta sua cabeça para trás e respira fundo.

— Você pode me salvar dele?

— Posso o que eu bem entender, *preziosa*.

Ela pensa por alguns poucos segundos.

— Eu me casarei com você, mas prometa que não me machucará.

Assinto.

— Eu prometo.

— Quando faremos isso?

— Agora.

Afasto-me dela, mas ela puxa-me de volta.

— O casamento de Aniella será amanhã.

Beijo o seu pescoço e falo em seu ouvido:

— Estaremos aqui a tempo, prontos para entregá-la ao russo.

— Tudo bem.

Sem perda de tempo, passo meu braço pela sua cintura e a levo diretamente à porta de saída secundária. Assim que Denis nos alcança, passo a eles os meus planos. Como nossos pilotos vivem em sobreaviso, não demorará muito para organizar essa viagem de última hora.

Enquanto percorremos as ruas da cidade, Sayuri permanece quieta. Não vou pressioná-la, não quero que desista da ideia. Essa é uma história que não tem amor, será um casamento de conveniência, muito bom para ambos. Ninguém será tolo o suficiente para tentar roubar a esposa de um *Capo* e ela terá um marido que sabe foder dignamente. Ambos estamos no lucro.

Depois de quase uma hora para chegar a pequena pista de decolagem, Denis abre a porta para nós e eu a ajudo sair. Ela está sem casaco e sua pele arrepia de frio. Retiro o meu terno e coloco em seus ombros, Sayuri sorri nervosamente. Cumprimento os pilotos e a comissária de bordo que nos acompanhará até o outro lado do país. Assim que entramos e nos acomodamos Sayuri olha para mim.

— Você sempre conseguiu o que queria de mim, por isso o chamo de demônio. Você se apresenta sempre com as melhores intenções, mas no fundo todos sabem que as suas intenções são sombrias.

O piloto avisa para colocarmos o cinto, pois vamos decolar, e assim que o jato começa a ganhar os céus, volto a minha atenção à linda mulher ao meu lado.

— Bem-vinda ao meu inferno, *preziosa*.

Capítulo 01

Sayuri

— Explica-nos novamente como você acabou casada com o meu primo? — Aniella me questiona pela segunda vez.

Olho para Mae a procura de ajuda, mas ela está tão chocada quanto Ani está furiosa. Respiro fundo.

— Raffaele me prometeu liberdade...

Ani ri alto e aponta para mim.

— Dá para acreditar nesse absurdo? — Mairheen me olha com compaixão. Porque só com muita misericórdia você consegue fugir de um Saints. — Como ele lhe dará liberdade enquanto aquele japonês gostoso está querendo te levar para longe e fazer sabe-se lá o quê? — Ela começa a andar e um lado para o outro, esbravejando. — Enlouqueceram... eles encheram a cara na minha despedida de solteiro e acharam que era uma boa ideia fugir para a Vegas e se CASAREM!

Mae tenta o seu melhor para acalmá-la

— Respira fundo, Ani. Pense no bebê, você não pode se agitar dessa ma...

— Minha filha é uma guerreira como eu — ela passa a mão na barriga que não ainda não aparece. — Ela terá orgulho quando contarem que a sua mãe deu fim a uma ganguezinha com ela na barriga.

Mae bufa e joga os braços para cima.

— Eu desisto!

— Ninguém te deixará ir a lugar algum enquanto estiver grávida, Aniella — digo com toda paciência.

Para ser sincera, não sei o que me deu para aceitar a ideia de me casar com Raffaele Saints. Repito todos os dias que é por causa da liberdade..., mas seria muita ingenuidade pensar isso. Minha *okaasan*² dizia sobre as diversas formas que o diabo se apresenta, geralmente elegante, muito bonito e voz melodiosa. Que seu sorriso enigmático e olhar hipnotizante fazem com que você deseje mergulhar nas profundezas daquele inferno. Isso descreve perfeitamente Raffaele.

E como a serpente no paraíso, o homem me seduziu, ofereceu-me a fruta proibida. Eu, tão tola quanto Eva, deixe-me levar pela promessa da serpente. Todos sabem que quando se casa com um mafioso o divórcio não é uma opção, a morte é. E Raffaele não é um mafioso qualquer, o homem é o Chefe dos chefes, o comandante de um dos clãs mais poderosos do mundo. Ele pode me liberar? Sim, pode! Mas até onde a tradição o comanda? Os Saints são conhecidos por não quebrarem as leis da família, todos devem segui-las sem questioná-las. Mesmo Aniella não conseguiu combater.

Agora sou a Senhora Raffaele Saints, morando com um dos homens mais perigosos que conheço. Eu já o conhecia... ou assim pensei. Bem, conheci o jovem

² Okaasan: mãe em japonês

Raffaele, engraçado e despreocupado. Universitário que adorava festas e namoros, aberto e bem-humorado. Seu sorriso sempre foi lindo e hoje me dói que economize esse traço. Ele não sorri muito e quando o faz não é como antes.

Nos dois primeiros semestres eu o acompanhava de longe. Invejava sua liberdade e seu jeito despojado. Todos sabiam quem os primos eram, todos os tratavam como a realeza. Mas Raffaele, esse era especial. Não somente pelos sorrisos perversos ou olhares matadores, ele era cruelmente inteligente e conquistar popularidade. Os Saints não eram esportistas, o negócio deles era debates e xadrez, estereótipos completamente contraditórios.

Depois de um ano, Raffaele me notou... eu acho que foi depois, mas ele insistia que me acompanhava desde o início. O professor de Direito Penal nos colocou frente a frente para um debate sobre um caso em que a esposa era acusada de matar o marido porque ele era usuário de drogas. Eu fiz o papel da acusação, afinal, todas as provas que incriminavam a mulher eram sólidas. Mas Raffaele Saints não se deu por vencido e defendeu tão bem a ré que a maioria da sala realmente acreditou que ela foi tão vítima quanto o seu marido. O professor ficou impressionado com a desenvoltura que lhe ofereceu um estágio antecipado.

Naquele momento o odiei, pois ele representava tudo o que eu abominava. Mas naquele mesmo momento eu também me odiei, porque o desejava. O que me chama atenção em um homem é a sua inteligência e o maldito era o pacote completo. Depois daquele dia, ele sempre esteve por perto. Rejeitei seus convites para fazermos trabalhos ou estudarmos juntos. Porque nada do que viria dele podia ser bom.

O universo não me ajudou e nos colocou em uma monitoria juntos. No início eu o ignorava... na verdade, ignorava a todos. A minha vida familiar era um tanto complicada para eu deixar que as pessoas ficassem muito perto. Eu tinha amigos, sempre tive muitos amigos, mas nenhum que conseguisse entrar o suficiente para conhecer a minha história. Deveria me manter discreta, longe dos holofotes daquela família italiana e eu fiz o possível. Eu realmente fiz.

Até o dia em que ele esperou que ficássemos sozinhos na sala de monitoria. Raffaele pegou uma cadeira e sentou-se à minha frente, encarou-me até o desconforto se espalhar por mim. Não satisfeito, ele colocou uma mecha de cabelo atrás da minha orelha.

— Você é linda, Kin — seus dedos acariciam meu rosto e seu polegar corre em meu lábio inferior. — Seus lábios são a minha perdição.

Afasto-me dele.

— Economize suas palavras bonitas, Saints. Eu não caio nelas — falo enquanto arrumo meu material para sair da sala o quanto antes.

— Você é misteriosa e seu sorriso parece ser a chave para esse mistério — levanto-me rapidamente e ele também o faz, se aproximando mais de mim. — Você sorri sempre, mas é superficial. Sob essa pele há um grande mistério que eu desvendarei.

Rio desconsertada. Ele está me fazendo corar, que ridículo!

— Ao contrário do que pensa, não sou esse ser místico que você imagina. Sou chata, com uma vida chata, apenas isso.

— Isso é o que você quer que as pessoas saibam, mas deixarei ir — seu olhar não se desvia do meu e por um minuto deixo me levar. — Gosto de um bom jogo, Kin Shimizu.

Meu nome falso faz com que eu volte à realidade. O encanto acaba e eu apenas saio sem olhar para trás. Há poucos dias, descobri que nossos nomes são falsos e, nesse momento, Raffaele Saints é uma ameaça.

A história da minha vida daria um livro trágico. Eu nasci no meio da máfia japonesa, mas meu pai não era como os outros. Na Yakuza, a organização vem em primeiro lugar. Cada família dentro da organização tem um chefe, meu pai era um. Seu pai já tinha sido e o pai do pai dele também. Essa não é uma organização hereditária, você tem que conquistar o seu lugar. Meu pai era cruel para comandar uma família, mas não o suficiente para não ser morto.

Como em todas as máfias, a organização passa a ser prioridade, a família passa a ser aqueles “irmãos”. A diferença da japonesa é que a família de sangue é totalmente dispensável. Ao contrário das outras, as mulheres não servem para *nada*, apenas para servir, na maioria das vezes nem para isso. Os homens não devem se apegar a quem está fora daquele meio, mas meu *chichi*³ era diferente, ele realmente nos amava e fazia tudo que era possível para nos ver felizes.

Por mais que ele passasse a maior parte do tempo fora, quando voltava nos trazia presentes. Nós víamos o quanto amava a nossa *haha*⁴, pois fazia questão que soubéssemos o que significávamos para ele. Mas tudo na vida tem um preço. Para demonstrar lealdade, meu pai deu o que considerava mais precioso, um de seus filhos. Quando eu tinha três anos de idade, ele e Kenichi Shinoda, chefe da organização, acordaram o noivado entre o herdeiro de Shinoda e eu. Mas, ao que parece, isso não foi o suficiente.

Meu pai não executava alguns serviços que envolvia dizimar famílias inteiras em chamas ou matar uma criança para que servisse de lição aos outros e, por nos ter com tanto apreço, ele foi morto. O *oyabun* considerou *chichi* fraco, mas como sabemos, não se pode sair de uma organização criminosa facilmente, para o meu pai custou a vida. As famílias também são dispensáveis e devem seguir o seu chefe na morte. Então, com ajuda da família da minha *haha*, saímos clandestinamente do Japão e nos instalamos nos Estados Unidos.

Não lembro muito dessa parte da minha vida, mas me recordo da minha mãe sempre nos manter sob fortes cuidados. Éramos apenas ela, Ren, meu irmão mais novo e eu. Minha infância foi boa e a adolescência foi comum. Minha mãe fez de tudo para que tivéssemos o que queríamos, na medida do possível. Frequentamos boas escolas, tivemos uma excelente educação e éramos felizes. *Haha* fez questão de manter a lembrança de nosso pai viva, contando histórias sobre ele e todos os anos, no *Obon*⁵, pendurávamos uma lanterna na frente da casa para guiar o espírito do papai até onde estávamos.

Minha mãe tentou nos ensinar a dançar o *Bon Odori*⁶, mas infelizmente meu irmão e eu não gostávamos. Como não podíamos visitar o seu túmulo, montávamos o *Butsudan*⁷ em casa fazendo oferendas de alimentos e flores. Depois de dois dias, fazíamos a

³ Chichi: pai em japonês.

⁴ Haha: mãe em japonês.

⁵ Obon: festividade do Japão para homenagear os ancestrais; algo parecido como o dia dos finados no Brasil.

⁶ Bon Odori: dança tradicional japonesa realizada no Obon.

⁷ Butsudan: “Altar do Buda”. Altar que as famílias tradicionais budistas japonesas têm em suas casas.

cerimônia com a lanterna flutuante, que colocávamos no lago ou rio mais próximo a nós, a fim de orientar o espírito de *chichi* de volta para o seu mundo.

Nossa cultura é rica e linda, mas Ren e eu nos adaptamos tão bem ao novo país que, com o passar dos anos, perdemos muito disso. Nos tornamos totalmente ocidentais. E como todo adolescente ocidental, tive uma fase rebelde que rapidamente chegou ao fim quando eu soube da nossa história e o porquê chegamos aqui na América. Ouvi minha mãe desabafar com sua melhor amiga e as imagens que eu achava que eram sonhos começaram a fazer sentido. Outra coisa que passei a entender foi o porquê *haha* nunca falava da família do papai. Isso não acontecia porque se eles descobrissem onde estávamos, matariam a mamãe, me matariam e levariam Ren.

Depois de alguns anos entrei para uma das universidades da *Ivy League*⁸, para estudar Direito, onde conheci os Saints e passei a ser perseguida por aquele diabo de olhos azuis. Sou obrigada a admitir que adorei a sua insistência em sair comigo, logo percebi que ele sempre parecia estar nos mesmos lugares que eu e assim começamos uma boa amizade, mesmo ele falando suas palavras sujas. Eu adorava estar com os seus primos e amigos, as festas na piscina do condomínio que as famílias dividiam. Muitas coisas aconteciam naquelas festas, mas foi um tempo maravilhoso.

Meses depois, em uma festa, vi que Raffaele estava distante e flertando com todas as outras garotas que estavam lá, foi a primeira vez que senti o verdadeiro ciúme. Eu queria socar a cara de cada uma daquelas vadias. Chateada, eu bebi dois copos de cerveja um em seguida do outro, encontrei um dos meninos disponíveis e o arrastei para o canto, mas antes que eu pudesse encostar a boca no rapaz, um braço forte enlaçou a minha cintura, me jogou sobre seu ombro e me tirou de perto da boca que eu iria experimentar.

Raffaele me levou até a academia que ficava perto da piscina, mas não podia se ver muito do que passava ali dentro. Me carregou até uma mesa e me pôs sobre ela, abriu minhas pernas e se colocou entre elas. Eu estava de biquini e ele apenas com um calção de banho, pude sentir sua ereção entre as minhas pernas. Sem dizer uma palavra, ele baixou a parte superior da minha roupa de banho e lambeu os meus mamilos, chupou-os e os mordeu, me fazendo gemer.

Sua boca subiu até achar a minha e então passei minhas pernas pela sua cintura, praticamente montando em seu pau. Abracei-o trazendo mais próximo a mim enquanto nos beijávamos freneticamente. Me senti tão bem e melhorou quando ele afastou a minha calcinha e me penetrou com seus dedos em minha entrada. Eu nunca tinha feito sexo, até saí com alguns rapazes, mas eles não pareciam saber o que estava fazendo. Raffaele me mostrou exatamente como sentir prazer. Com a boca em meu pescoço, ele falou:

— *Você é virgem, não é, preziosa? — isso foi mais uma constatação do que uma pergunta. — Apertada, suculenta e molhada, perfeita para matar o meu desejo.*

— *Faça o que quiser, apenas faça o que tem que fazer para acabar com esse formigamento — digo a ele.*

— *Incline-se para trás e abra bem as pernas, Kin — assim o faço. ele se abaixa na minha frente e coloca uma das minhas pernas sobre o seu ombro e a outra ele abre, expondo-me totalmente a ele. — Você é linda, baby. Sua boceta é linda e gananciosa, espero que seja tão doce quanto os seus lábios.*

⁸ Ivy League: grupo formado por oito das universidades mais prestigiadas dos Estados Unidos

E assim ele o fez, me levando à loucura. Tenho certeza de que todos que estavam na festa ouviram os meus gemidos, que mais pareciam miados de uma gata no cio. Horripilante, eu sei. Mas foi ali que tudo começou...

— Sayuri! Acorde! — volto para o momento com Aniella estalando os dedos bem na minha cara.

— Tenho certeza de que ela está pensando na consumação do casamento — Mairheen fala, sorrindo.

Mal sabem elas que Raffaele vem me evitando como diabo evita a cruz. Mantenho-me em silêncio.

— Por que vocês se casaram, Sayuri? — Aniella insiste.

Cansada dessa conversa me levanto e ando pela sala, que agora também é a minha gaiola dourada.

— Nos casamos porque queríamos — respondo. — Porque ele me prometeu liberdade.

Aniella coloca a mão na cintura.

— E você acreditou? Não existe liberdade para os herdeiros Saints, querida.

Capítulo 02

Raffaele

*(...) Eu escuto um monte de segredinhos, então diga-me o seu e guardarei. Agora você quer saber meu nome, mas é melhor pensar duas vezes, ser mau tem um preço. Eu tenho uma reputação sórdida e não sinto a hesitação. Melhor pensar duas vezes porque ser mau tem um preço (...)*⁹

Soco.

Chuto.

Desvio.

Soco.

Soco.

Então tudo para.

Haniel se coloca entre meu adversário e eu, nos separando. Meu oponente já estava a um passo de cair, não demoraria muito. Alguém desliga a música que escolhi para o treino e outro vem com uma toalha para mim.

— Você tem levado esses treinos muito a sério — meu primo reclama. — Dois dos nossos homens já foram hospitalizados. Afinal, qual é o seu problema?

Passo a toalha pelo meu rosto para secar o suor e jogo-a em sua direção e ele a pega no ar.

— Não está acontecendo *nada*, é apenas um treino. Se eles não aguentam, então estamos lidando com fracos. E entre nós não há fracos.

Saio do ringue tendo Haniel atrás de mim.

— Cara, seja o que for a porra do que está acontecendo, resolva. Temos coisas importantes para lidarmos no momento.

— Ah é? — falo debochadamente. — E o que seria?

Entro no vestiário e já vou tirando o calção e a cueca no caminho para o chuveiro. Ignoro meu primo falando sem parar, ligo a ducha fria e me coloco sob ela.

— Sei lá, quem sabe seja o fato de que você se casou com a noiva de um chefe japonês, colocando toda a família em risco?

Deixo a água correr pela minha cabeça e corpo, levando toda a minha adrenalina pelo ralo. Ninguém imagina o quanto venho me preocupando com isso, mas eles terão que entender. Eu sou o Chefe e uma decisão tomada não pode ser revogada.

— Ninguém está em risco além de Kin e eu.

Ele fica em silêncio por um tempo e quando volta a falar o seu tom é baixo.

⁹ Música: Being Evil Has a Price. Heavy Young Heathens. EUA, 2016.

— Ela já falou a você o porquê do nome falso? Há mais alguma coisa sobre Sayuri que devemos saber? Porque os registros dela são escassos. É como se ela tivesse evaporado do mundo quando era criança e só retornado a vida agora.

— Segundo ela, sua mãe saiu do Japão com documentos falsos, caso contrário não conseguiria. Ela e o irmão eram muito pequenos e ela lembra de poucas coisas. Kin... Sayuri só soube de sua história mais tarde.

Desligo o chuveiro e alcanço uma toalha para me secar. Meu primo, acostumado com a minha nudez, segue sua linha de interrogatório.

— Vocês namoravam na faculdade e um dia simplesmente ela sumiu. Você chegou a procurá-la, mas nunca falou abertamente sobre o assunto.

Haniel insiste em trazer à tona o passado quando esse deveria continuar onde pertence, no passado.

— Por que o faria? Ela sumiu e nunca mais apareceu. Eu a procurei, mas como achamos alguém que não existe?

A mulher sempre foi um mistério para mim, mesmo quando éramos jovens, Kin não compartilhava muita coisa. Eu, um garoto mimado que tinha todos os seus caprichos atendidos, vi-me ainda mais intrigado pela bela menina asiática em meus braços. Acabei não dando importância quando realmente deveria. Os herdeiros da minha geração aprenderam cedo que não podiam confiar facilmente nas pessoas, mas eu estava deslumbrado e o sexo sempre foi uma ótima rota de fuga para mim.

Meu primo interrompe meus pensamentos.

— Não acredito que ela possa nos ajudar com o maldito Katsuo — ele fala parecendo estar distante.

— Não, não pode. Hunny, volte para Mairheen e seu filho. Hoje foi um longo dia e muitos outros longos dias virão — aconselho.

Seus olhos encontram os meus e ele aponta para mim.

— A conversa não acabou. Além de seu irmão, sou um de seus *consiglieri*. Uma hora dessas terá que abrir o jogo sobre o seu casamento. Porque ambos sabemos que não foi por amor. — Ele sai, me deixando novamente com os meus pensamentos.

Todos especulam o motivo que me levou a casar com Kin... Sayuri. Parte da família acredita que estou revivendo uma história inacabada, mas quem é mais próximo sabe que algo me move, algo nada emocional. Há muitos anos as emoções não ditam mais os meus passos e minhas ações. Para tudo há um motivo... *para tudo há um tempo determinado; há um tempo determinado para cada propósito debaixo do céu* — segundo o livro de Eclesiastes na Bíblia.

A resposta sobre o meu casamento com Sayuri é simples e quem está próximo a mim o sabe, apenas não querem enxergar. Todos sabem que morrerei antes de deixar alguém tomar o meu território e dizimar o meu clã, meus soldados e suas famílias. Aquele maldito japonês não verá o que o atingiu. Até lá vou me divertindo com a sua linda prometida, que agora é minha esposa. Vou aproveitar cada segundo dela, desfrutar de cada parte daquele corpo, entrar em seu coração e possuir a sua alma.

Volto à realidade e visto-me rapidamente. Saio do vestiário com meu terno impecável, na porta há seguranças me esperando e que me acompanham para fora do ginásio da Worldwide. Fora do complexo, os carros me esperam e sou escoltado como se fosse um chefe de estado. Houve um tempo em que achei isso desnecessário e incômodo, mas entendi rapidamente que sou mais útil vivo do que morto.

Vivemos um momento delicado em que todo cuidado é pouco. Tivemos sequestros, atentados e mortes o suficiente por anos. Agora é momento de precaução, de controle, é momento de prestar mais atenção ao nosso redor para que não tenhamos mais *nenhuma* surpresa. A segurança de todos também foi aumentada, principalmente das mulheres, das atuais *mammas* Saints. O que Mairheen tem de calma, Aniella tem de pretensão, acha que pode fazer tudo enquanto carrega um herdeiro Saints-Nikolov. Kin é tão preciosa quanto as outras duas, ela é a joia de família roubada que todos querem.

Percorremos as ruas movimentadas da cidade e mal percebo que paramos em um congestionamento, pois meus pensamentos já estavam longe. Imagens de Kin em frente a Mairheen, outra dela naquela cabana com Nikolov em um vilarejo. Mas a imagem que mais me agrada é quando a vi dançando na despedida de solteiro de Aniella e Levi. Ali, naquele momento, decidi colocar em ação um plano arriscado. Cujo o desfecho envolvia cortejar e casar com uma antiga namorada, que por acaso é a prometida do *oyabun* da Yakuza.

Minha família já passou por coisas demais. Somos descendentes da máfia italiana, de desertores que fugiram da Itália rumo aos Estados Unidos para reconstruir suas vidas longe da máfia. Diante da queda do império criminoso, nossos bisavôs partiram clandestinamente em um navio cargueiro rumo à América. Chegando neste país, viram-se coagidos pelo chefe da máfia local. Nesse momento, decidiram que as nossas famílias teriam uma vida lícita e tranquila. Foi aí que nasceu a Saints Security, que depois veio a ser Saints Worldwide. Como líderes destemidos, montaram um império juntamente com as famílias italianas e descendentes que se aproximaram na esperança de se tornarem membros desse novo clã.

Como muitas pessoas começaram a se associar aos Saints, foi determinado um sistema em que os que eram aceitos tinham que aderir ao sobrenome Saints, no meio do nome e nunca ao final. E também havia a regra de enviar um de seus filhos para ser soldado da Saints Security. Seus negócios recebiam recursos da empresa, tornando-a sócia de seu estabelecimento. Hoje em dia, não só os homens devem servir algum tempo na Worldwide, todos têm que colaborar com parte do seu tempo em alguma empresa Saints, como a clínica WellCare ou a escola RedLife.

Com o passar do tempo os Saints se tornaram numerosos, temidos e necessários para outras organizações, como os russos, os irlandeses e para a própria máfia italiana nos Estados Unidos. Não demorou muito para o clã ter as suas próprias leis, afinal, muitas pessoas se agregaram, e essas pessoas geravam mais pessoas. Então, a primeira geração Saints instaurou as Leis Absolutas:

**A segurança do “Presidente” e da Triade vem acima de qualquer outra;*

**Não chamar a atenção para si e nem para o clã;*

**Se mexer com qualquer um do clã, terá que se ver com todos;*

**Não mentir para a Triade, caso seja chamado para esclarecimentos;*

Não vamos esquecer que mesmo tendo em mãos grandes poderes, os herdeiros têm que se sacrificar em prol do bem maior:

**Todo herdeiro que não esteja iniciando a sua família até os trinta e três anos de idade tem seus pais como responsáveis pela escolha do cônjuge para fazer com que a união aconteça;*

**Os herdeiros não devem, em hipótese alguma, crescer separados. É obrigatório que eles convivam próximos por toda a vida;*

**Os herdeiros do triunvirato devem passar por treinamentos que os preparem para se sentarem em suas cadeiras e comandarem o clã. Devem também ter estudo superior compatível com a sua herança. É de responsabilidade expressa de seus antecessores prepará-los para assumir o que lhes é de direito;*

**É proibido que os herdeiros entrem em confronto iminente que poderá ocasionar seu óbito.*

Ninguém acreditava que os Saints sobreviveriam e hoje somos a quarta geração a encabeçar a família.

Primeira Geração: Anthony Saints – meu bisavô, Paul Saints e Joseph Saints.

Segunda Geração: Ítalo Saints – meu avô, Felipe Saints e Ándrio Saints.

Terceira Geração: Gabriel Saints – meu pai, Raziel Saints e Elemiah Saints.

Todos nos olham como os ricos privilegiados, mas não sabem o quanto tivemos que sacrificar de nós mesmos para estarmos aqui. Abrimos mão de ser quem queríamos para ser o que querem que sejamos. Meus primos e eu já tivemos a nossa cota de inferno. Nosso passado não foi tão bom quanto levamos as pessoas a crer. Só porque sua família tem dinheiro, não significa que você será feliz ou terá um maldito pônei. Certas coisas escritas simplesmente não acontecem. Descobri isso cedo, no início da minha adolescência, quando me vi em meio ao acampamento de treinamento na Itália, lutando para salvar os meus primos e outras crianças que se encontravam naquele inferno.

Sempre carreguei comigo o peso da responsabilidade de ser um herdeiro, Chefe do clã Saints. Não herdamos apenas uma cadeira, há o peso do sobrenome, da nossa história e a responsabilidade de manter uma inquebrável tradição. É um fardo muito pesado que levamos desde a tenra idade. A nossa iniciação na Itália era esperada, o que não era esperado é que os homens de confiança das famílias atentariam contra a vida de suas proles. Eu embarquei naquele avião com desejo de aventura, meu pai falava desse tempo de sua vida com saudosismo, fazendo com que eu desejasse esse tempo também. Eu não esperava, ninguém esperava passar por um sequestro e tortura aos treze anos de idade.

E quando vi a pequena Aniella entre aqueles meninos, perdi um pouco de mim. Haniel e eu tentamos escondê-la da melhor maneira possível, mas todas as nossas tentativas foram em vão. Ela não deveria estar lá, mesmo que Hunny, Ani e eu nunca tivéssemos sido separados. Aquela pequena delinquente não deveria ter se escondido e se jogado em um lugar tão perigoso quanto o campo de treinamento. Porque a iniciação tem um objetivo, transformar meninos em homens, mesmo com pouca idade. Foi lá que passamos fome e sede, privados de sanar as nossas necessidades mais básicas.

Houve quem não suportou e quase enlouqueceu, afinal, éramos garotos entre onze e quatorze anos. Haniel era o protetor dessa Tríade. Ele sempre se colocou nessa posição e hoje ainda o faz. Somos irmãos, somos parceiros e isso contribuiu para um ataque bem sucedido quando um menino pequeno estava para ser abusado sexualmente em nossa frente. Deus! Meu estômago revira quando lembro daquela cena. O menino franzino e nu nas mãos daquele maldito capitão, dos homens que as nossas famílias julgaram ser de confiança, homens que nos fizeram passar pelo pior, fizeram-nos lutadores e assassinos.

Aniella não suportou ver a cena e correu para cima dos homens que a seguravam, Hunny e eu sabíamos que ela seria a próxima. Eles a chacoalhavam a ponto de nos amedrontar com as sequelas que poderiam ocorrer. Naquele lugar da Itália, deixamos para trás a nossa inocente infância. A cena em que ameaçaram a minha prima está marcada em minha mente com ferro em brasa. Dois homens segurando Ani enquanto o capitão a ameaçava.

— *Olha a menininha Saints colocando suas garras de fora. Talvez não tenha a quebrado como deveria. Mas eu farei assim que terminar com esse aqui.* — Aniella se debatia e o maldito capitão foi até ela e a esbofeteou no rosto. Não sei de onde brotou uma energia desconhecida em mim, mas controlei até achar o momento exato de tirar ela dali. — *Vocês Saints acharam que poderiam abandonar a máfia e que ficaria tudo bem? Seus velhos acreditavam que poderiam nos tratar como seus empregados idiotas para treinar os filhinhos babacas? Eles se arrependem por tudo o que fizeram!*

Haniel tentou me segurar o melhor que pôde, sua proteção era um bálsamo muitas vezes, mas não era o papel dele nos proteger e sim o meu. Isso me frustrava, mas ao mesmo tempo me trazia alento. Só que ali, com aqueles meninos quebrados e a nossa pequena menina nas mãos dos bandidos, algo mudou em mim que eu não sei até hoje como explicar. Só que, sem dúvida nenhuma, meu entendimento com a morte começou ali. Não tenho problema algum com matar e morrer, pois a morte é uma aliada leal.

Hunny me cutucou e apontou as armas que descansavam nas cinturas dos guardas. Mal sabiam eles que nós três chegamos ali atirando e lutando como gente grande. Nem nossos pais sabiam que éramos bons em estratégias. A distração do capitão enquanto baixava suas malditas calças deu-nos tempo suficiente para pularmos sobre os homens que seguravam Aniella e pegar suas armas. Dali em diante foi apenas um borrão de ataques e facadas, até Ani tomar a arma que estava em minha mão e descarregá-la no capitão. Talvez, ali, um pouco da minha humanidade se foi.

Depois de vermos que os homens estavam mortos, procuramos pelo telefone e acabamos por encontrar água e um pouco de comida, que repartimos entre nós. Trêmulo, procurei entre os contatos um número conhecido, não demorou muito para achar o do meu avô Cardí, eufórico, Haniel se pôe à frente da situação e falou ao meu avô o que aconteceu. Logo que desligou, meu primo virou para mim e disse:

— *Eles estão vindo por nós, Rafe. Ajude-me a esconder os meninos até que o socorro chegue.*

E assim fizemos, cobrimos e camuflamos o quanto podíamos. Quando vimos que todos estavam “invisíveis”, Hunny fez o mesmo conosco. Não sei quanto tempo passou até que ouvíssemos vozes chamando por nós, mas pareceu uma eternidade. No momento em que reconheci a voz do meu avô os meus instintos gritaram proteção e eu respondi ao seu chamado. Ani começou a chorar. A nossa pequena menina, que aguentou todos

aqueles dias sem se lamentar, permitiu-se chorar de alívio. Nesse momento nos abraçamos ainda mais forte, ainda era nós três contra todos.

Depois que fomos resgatados, tudo foi muito rápido ou eu que não estava prestando atenção em *nada* mais do que reviver os dias infernais que passamos. Lembro do desespero da minha avó ao nos receber, lembro de nossos pais chegando no meio da noite, mas não assimilei muita coisa. Meu foco era apenas na minha inutilidade, como eu poderia ser um chefe se não consegui proteger os meus irmãos quando mais precisaram? Você diria que treze anos é pouco para ter esses pensamentos, mas quando nascemos com um propósito toda a nossa vida é moldada para aquele fim. Então, aos treze anos, eu falhei.

Desde então não fui mais o mesmo, ninguém foi, mesmo com toda ajuda profissional e o amor de nossas famílias. Amenizava, mas não tirava aquilo que nos machucava, não espantava os monstros que viviam dentro de nossas cabeças. Aguentei cada pesadelo e ataque de pânico, como homem feito. Todos viam que tinha algo de errado, mas ninguém conseguia chegar a mim. Foi uma época difícil para todos. Tentamos o nosso melhor enquanto crescíamos, fomos inconsequentes, festeiros, aproveitamos tudo, cada um à sua maneira. Haniel era o bom moço perante a família, mas assim que se afastava ele não ligava para as consequências. Aniella sempre foi impulsiva e além do alcance de qualquer um e eu me tornei o rei das festas.

Então veio a faculdade e... Kin. Ela chamou a minha atenção desde a primeira classe que fizemos. Uma menina tímida que dava a impressão de gostar de ficar sozinha. Ela tinha amigas, mas não pareciam ser próximas. Era muito inteligente e absurdamente desajeitada. Gostava de ouvir sua voz melodiosa, ficava excitado quando ela dava uma de suas respostas inteligentes. Sempre tive uma queda pelas estudiosas, acho que era um fetiche, não sei. Mas Kin... ela era diferente.

Ela não ligava para o meu sobrenome ou para quem eu era, queria apenas que eu a deixasse em paz. Mas foi impossível, eu a queria muito. Eu era a contradição que os professores tentavam entender, os garotos imitavam e que as garotas desejavam. Eu não era um jogador de futebol ou qualquer outra coisa, mas corria e fazia outros exercícios com eles. Sempre preferi o clube de xadrez, que me ajudava na concentração, e os debates, coisas que me preparavam para o futuro. Era popular, o garoto de ouro assim como Haniel.

Todos esperavam o meu melhor, menos Kin, ela simplesmente não se importava e isso me fez desejá-la ainda mais. Persegui-la me deixava excitado. Foram semanas atrás daquela doce bunda que só me dava foras. Então a convidei para uma de minhas festas na casa dos meus pais, vi o momento em que ela chegou e acompanhei cada passo seu de longe. Ela não parecia se importar comigo flertando com meninas aleatórias, mas me enfureceu quando a vi arrastar um dos caras para o canto.

Desvencilhei-me das meninas que me cercavam, peguei Sayuri pela cintura e a joguei sobre o meu ombro, levando-a à academia do condomínio. Ninguém poderia nos ver, a não ser que se esforçassem muito. Coloquei-a sobre uma das mesas e acariciei seu rosto. Por mais inteligente e espertinha que ela aparentasse, tudo nela gritava inocência. Kin era virgem e eu queria ser o seu primeiro. Mas quando a penetrei, percebi que também queria ser seu tudo.

Foram dias, semanas, meses excelentes. Eu ia muito bem em minha preparação para a herança e estava com a menina mais incrível que já conheci. Kin, foi a minha

primeira e talvez minha única paixão. Eu era completamente louco por ela, até que um dia ela se foi, simples assim. Desapareceu sem deixar rastros, como se nunca tivesse existido. Procurei-a desesperadamente, atormentei a todos que a conheciam. Fiz os homens de meu pai irem atrás da menina que era meu mundo. Ela iluminava a parte escura da minha alma, ela despertava o meu desejo de ser uma pessoa melhor.

Hoje me pergunto se aquele rapaz realmente era eu. Lembro de um tempo bom, mas nem mesmo a menina conseguiu afastar totalmente a escuridão que estava crescendo em mim. Talvez, a ilusão me fez acreditar que ela me iluminava. Não sei, nem nunca saberemos sobre isso. Hoje sou um homem no controle de suas emoções e até mesmo de sua escuridão. Não tenho um coração quente e receptivo, não ostento um sorriso falso de que tudo está bem. Hoje sou o homem que todos temem.